

08/05/2019

## As monoculturas da produção e da mente. Liberdade de pensamento?

**Marcos Besserman Vianna**

[Pesquisador e Vice-Coordenador do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Partindo da premissa da Declaração Universal dos Direitos Humanos de que *Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência... (Art. XVIII) e direito à alimentação... (Art. XXV)*, ambos de forma soberana e autônoma, podemos nos perguntar se as monoculturas da produção de alimentos e do conhecimento não restringem nossas liberdades de pensar e de escolher o que comer.

Se as pessoas quando nascessem tivessem implantado um chip que decidisse como elas iriam pensar, que decidisse que roupas iriam usar ou que “alimentos” iria comer, seria considerado como uma enorme violação dos Direitos Humanos. Mas, independentemente dos locais no planeta em que as pessoas habitam, aparentemente todos no mundo tem de pensar e produzir da mesma forma, esse chip já foi implantado.

Desde a queda do muro de Berlim que se propaga a noção de que não existem ideologias. As alternativas foram excluídas, estejam elas no campo do conhecimento ou das tecnologias, e a possibilidade única é sempre conspirando contra a natureza ou saberes de comunidades.

O desaparecimento de alternativas corresponde ao desaparecimento de diversidades. As monoculturas da mente fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo. A erosão da diversidade agrícola acarretou o desabastecimento de água e a degradação das condições de subsistência e de suprimentos. A natureza empobrecida das monoculturas é a principal razão. Das aproximadamente 200.000 espécies de plantas floríferas, só cerca de 3.000 são aproveitadas como alimentos humanos e apenas 15 continuam sendo de grande importância como trigo, arroz, milho, açúcar, lentilha, soja, amendoim, batata, inhame, mandioca e banana.

Essa realidade inicia quando a revolução verde (modelo produtivo legitimado pelo domínio da técnica e da ciência, fortemente dependente de insumos industriais e energia não renovável) introduz as monoculturas, que ampliaram substancialmente a produção de alimentos e liquidaram a diversidade de culturas, expulsando para as cidades milhões de agricultores despossuídos.

Ao acabar com a diversidade, eliminam-se as sementes nativas tornando-se assim fontes de escassez e pobreza e extinguindo outras formas de pensar sobre a natureza e outras formas de produzir. A diversidade diz respeito a outras formas de pensar e de viver.

A monocultura da mente traz a convicção de que existe uma

solução uniforme para o planeta, não importando o clima, a cultura, o ecossistema, a forma como se organizaram historicamente suas organizações sociais e políticas.

Propaga-se a compreensão de que existe apenas uma forma cristalizada de ser e viver com valores que justificam e orientam as políticas, técnicas, planos econômicos e a dependência tecnológica. Assim devastam a sabedoria milenar com a exclusividade do saber científico, introduzem valores da monocultura aos produtores e produtoras, consumidores e consumidoras.

As multinacionais convencem governos, instituições e pessoas, que os sistemas tradicionais de produção são incapazes de alimentar o mundo, que os saberes transmitidos milenarmente e formas de fazer a vida transcorrer são ineficientes diante da tecnologia e são impraticáveis diante dos conhecimentos científicos.

Mas toda ciência se forma mediante uma redução.

Da globalidade que existe apenas mantém o que será o tema explícito de suas pesquisas: as relações inter-humanas se é sociologia; os acontecimentos humanos considerados desde o ponto de vista de sua historicidade, quando é história; personagens e virtudes que nos oferecem o espírito como «obras de arte», quando estética e assim por diante.

Para a monocultura da mente a “felicidade” constitui o único fim da vida, excluindo tudo o que compromete, especialmente se criticam o projeto científico e da técnica que a faz possível. Quando escapa deste fim, como podemos comprovar com nossos próprios olhos, transforma-se em um desenvolvimento monstruoso, inaugurador de uma nova barbárie sob a qual a humanidade está em perigo de perecer ou de destruir-se espiritualmente.

A estupidez não se cria nem se destrói, simplesmente se transforma. A disseminação das diaminas cadaverina e putrescina, que são os aminoácidos em decomposição que colocaram em nossos chips nos fazem seguir um caminho único. Toca Raul: Quem não tem colírio usa óculos escuros, quem não tem New York vai para São Paulo, quem não tem Hitler crê em ... Quando sabemos onde estamos, o mundo fica delimitado como um mapa. E nesse mapa cada um já está com seu chip pensando e se alimentando conforme desenhado. No momento atual não comandamos nosso rumo. Estamos sendo levados à conformidade e às monoculturas. Quando não sabemos onde estamos, o mundo parece infinito. Tudo bem. Então vamos fazer o possível para nos perdermos. Michel Serres, filósofo, formulou a pergunta: “*Como podemos dominar nossa dominação?*”. A vida contemplativa continua disponível, ainda podemos nos dedicar ao nosso aprimoramento pessoal e das nossas relações com as pessoas, dedicar nossos esforços intencionais para dominar nosso domínio.

Plantar, criar, experimentar, viver em outro planeta onde a diversidade seja essencial para que os Direitos da Natureza e os Direitos Humanos sejam efetivados. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.